

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

GIOVANNI CARÚS BROCHADO

A potência poética do drible: reflexões sobre futebol-literatura

FLORIANÓPOLIS

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

GIOVANNI CARÚS BROCHADO

Futebol-literatura: reflexões sobre a potência poética do drible

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras como
requisito parcial para obtenção do título
de bacharel em Letras - Português, sob
a orientação da Profa. Dra. Tânia
Regina Oliveira Ramos.

FLORIANÓPOLIS

2015

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser tudo que eu precisei e mais do que pedi. Sem ela, não teria nem meio eu.

À Ana Elisa, que me tirou da minha passividade com seu amor e seu carinho.

Ao George, que tenho a honra de ser amigo e “aluno”, a cada encontro.

Ao Vinícius, ao Douglas e ao Ailton, meus irmãos de pais diferentes.

À Prof. Tânia Ramos, mestra, pessoa, exemplo de conhecimento que absorvi e cuja companhia tive o prazer de compartilhar.

Aos meus amigos que me apoia(ra)m, que não cabem em uma página.

Aos meus veteranos, que fizeram parte dos melhores anos que o curso de Letras já teve. Todos importantes, independente da relação que tive, da trilha que nos aproximou ou separou. Por direito adquirido, destaco: Amanda Cadore, Ana Pereira, Carla Mello, Humberto Pires, Izabele Cristini da Silva, Meirelle de Souza, Milene Peixer Loio, Ruan Mariano, Talita Ewald Wuerges e Tanay Notargiacomo.

À Laranja Oliva, que me fez e faz seguir em frente com suas músicas e seu sucesso inspirador.

À Natália, que não poderia deixar de agradecer por tudo.

E ao Evandro, que eu queria que estivesse aqui.

para minha mãe,
que é minha família
para meus amigos,
que são quase isso.

“Agora me diz, Tiziu”, disse Murilo, “como fazer dessa suprema sacanagem, desse puteiro a céu aberto, um país? Impossível, você me diz? Parecia mesmo, parecia. Aí alguém arranhou uma bola, foram onze para cada lado, outro maluco pegou um microfone e logo estava embelezando as jogadas mais toscas com umas retumbâncias ridículas de retórica. Pronto: metade futebol, metade prosopopeia, estava feito o Brasil.”

Sérgio Rodrigues, *O Drible*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo dar um novo olhar ao futebol e aos seus elementos mais internos, exclusivamente o drible. Enquanto muitos trabalhos sobre o assunto tratam dos aspectos que circundam o esporte bretão, pretendo atravessar outro viés, num paralelo entre futebol e literatura – sobretudo poesia. O ato do drible será o ponto fundamental a ser defendido como, talvez, o mais poético do futebol. Portanto, a proposta aqui é entender como esses assuntos têm a ver, propondo uma possível língua-futebol, como Pier Paolo Pasolini teorizou, investigar como um discurso nessa língua(gem) poderia ser formatado em padrões de poesia e compreender suas diferenças sob a égide de exemplos reais e literários.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Poesia. Drible.

ABSTRACT

This final paper aims to give a new look on football and its internal elements, such as the dribble. While many essays deal with the aspects that surround football, I intend to cross onto another direction, in a parallel between football and literature – especially poetry. The act of dribbling is going to be argued as the most poetic of football. Therefore, the main idea here is to learn how these matters are related, proposing a possible football-language, as Pier Paolo Pasolini theorized, investigating how a possible discourse on that language could be developed in poetry standards and understanding their differences under the aegis of real and literary examples.

KEYWORDS: Football. Poetry. Dribble.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PONTAPÉ INICIAL: PASOLINI E SUA TEORIA DA LÍNGUA-FUTEBOL ...	12
2 SEGUNDO TEMPO: PENSAMENTOS SOBRE A BOLA	17
2.1 BOLA AO CHÃO: O DRIBLE E SEUS TEÓRICOS.....	18
3 TIRO LIVRE: REFLEXÕES SOBRE A BOLA	25
3.1 PARADA TÉCNICA: MOMENTOS POÉTICOS DO FUTEBOL	27
4 APITO FINAL	28
REFERÊNCIAS REVISADAS	31
REFERÊNCIAS SUGERIDAS	31
VÍDEOS	32
ANEXOS	33
ANEXO A – FOTOGRAFIA DO GOL DECISIVO DE HELMUT HAHN, DA ALEMANHA OCIDENTAL, NO CHAMADO “MILAGRE DE BERNA”	33
ANEXO B – A RODA DA FORTUNA E DEUSA DO ACASO	34
ANEXO C – ANÁLISE FEITA POR DESMOND MORRIS (THE SOCCER TRIBE) DO “DIÁLOGO” ENTRE ARGENTINA X FRANÇA, PELO GRUPO 1 DA COPA DO MUNDO DE 1978.	35
ANEXO D – GOL DE VOLEIO DE ZINEDINE ZIDANE, NA PARTIDA REAL MADRID 2 x 1 BAYER LEVERKUSEN, EM 2002.	37
ANEXO E – GRÁFICO DAS AÇÕES DO LÍBERO ALEMÃO MATTHIAS SAMMER, PELO SELECIONADO GERMÂNICO EM 1996.....	38
ANEXO F – ESQUEMA TÁTICO DO 4-2-4 HÚNGARO, QUE SE CONSAGROU NOS ANOS 50	39
ANEXO G – ESQUEMA TÁTICO DO LOSANGO, HOJE POPULARMENTE CONHECIDO COMO O 3- 4-3	40
ANEXO H – O ESQUEMA TÁTICO CONHECIDO COMO WM	41

INTRODUÇÃO

Em conversa informal, meu grande amigo e professor do Colégio de Aplicação da UFSC George França aconselhou-me a não suprimir minha veia de cronista e escritor, mesmo diante de um formato de trabalho que se situa na outra ponta de meu percurso acadêmico – formal, embalado à vácuo. Em vista desse pedido, não posso deixar de lembrar como comecei a pensar a abordagem deste TCC, antes de explicar como examinaremos o tema.

Esta proposta de reflexão brotou oficialmente quando quis juntar dois assuntos que eram de meu interesse pessoal: futebol e literatura. A indagação que me fiz, numa tarde nublada de 2012, era: “O que eu gostaria de escrever e nunca tive a possibilidade durante a graduação?”. E compreendi que já havia escolhido esse assunto antes mesmo de pensar em faculdade. Escolhi no dia do tetracampeonato do Brasil, onde comemorei, ainda muito criança, o erro de Baggio sem entender o que aquilo significava direito. Ou quando ganhei ingresso, aos 5 anos, para assistir a grande final do Campeonato Brasileiro de 1996, entre Grêmio e Portuguesa, em pleno Estádio Olímpico. São muitos momentos de diálogos entre mim e o futebol, entre a bola e meus olhos (ou meus pés), de forma que estava praticamente acertado que, algum dia, essa conversa iria para o papel: eu apenas não sabia ainda como ou quando.

Então, decidido o tema, faltava o recorte que seria feito. As pesquisas eram escassas e muito amplas, não podendo ser moldadas num trabalho relevante para o Curso de Letras e que pudesse abarcar tudo que eu procurava. Afinal, tratavam-se de apontamentos sociológicos ou sobre o esporte em si, nada a ver com a literatura e o lírico que eu imaginava abordar. Talvez fosse o único jeito: tratar diretamente de autores que falaram (ou ao menos tentaram falar) sobre futebol, mesmo que me parecesse raso demais, clichê demais. Foi então que, em uma visita despreziosa a uma livraria no Rio, minha namorada me estendeu um livro, enquanto eu fuçava entre as prateleiras. Era um exemplar de *O Drible*¹, de Sérgio Rodrigues, que acabou não só sendo uma grata surpresa no que diz respeito à fruição, como também

¹ RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. 1ª ed., São Paulo: Cia das Letras, 2013

tornou-se peça pivotal em minha tese. Brotava daí o recorte que farei neste trabalho: o futebol e o drible na narrativa futebolística.

O drible é velho conhecido de diversos esportes coletivos. Individualmente, o jogador lança mão de seu repertório de fintas, gingas e outras técnicas a fim de atrair a marcação inimiga, desvencilhar-se dela ou até mesmo provocar o destempero emocional e psicológico do adversário. No caso do futebol, ele não se limita a apenas essas facetas – externas e superficiais –, mas também a outras funções menos explícitas, como a criação de uma identidade própria de quem aplica o drible, a cristalização de um devir e também, ser potência de algo maior, encerrado em sua própria “antologia ontológica”. Esse algo seria urgência, necessidade, imprevisibilidade? Que efeitos que sua presença, seja ela real ou imaginária, causam nos atores passivos e ativos do futebol? O drible é elemento dêitico, elipse dos movimentos feitos com os pés ou apenas ruído que esvazia a objetividade que o jogo propõe?

Ao longo da discussão, irei observar os conceitos de potência, do drible e suas especificidades, definições que entrelaçam com as ideias de futebol-lingua(gem), seu discurso e suas derivações literárias – em futebol-prosa e futebol-poesia. Em seguida, pretendo concatenar essas definições com exemplos de literatura e em situações reais do jogo, para fortalecer o argumento do drible sendo potência, representação e um (senão o maior) dos elementos da poesia do futebol.

1 PONTAPÉ INICIAL: PASOLINI E SUA TEORIA DA LÍNGUA-FUTEBOL

As páginas deste livro são dedicadas àqueles meninos que uma vez, há anos, cruzaram comigo em Calella da Costa. Acabavam de jogar uma pelada, e cantavam: Ganamos, perdimos, igual nos divertimos. (Futebol ao sol e à sombra – Eduardo Galeano)

O futebol tem um eixo orientador tão dinâmico que teorizar sobre futebol é circular entre períodos de tempo muito pequenos, que distorcem verdades que até então eram indiscutíveis e ressignificam os termos em que se pensa sobre futebol criticamente. Dessa forma, estudar suas translações pode se tornar uma tarefa de Sísifo, se não houver um direcionamento no recorte feito.

Pensando nisso, começo colocando em pauta o grande lugar-comum das teorias de futebol e linguagem, o artigo feito por Pier Paolo Pasolini², no qual ele raciocina sobre as diferenças entre o futebol sul-americano e o europeu, que se arrolam numa plausível "língua do futebol", com sua sintaxe, morfologia e discurso próprios. Sob o efeito da ressaca do sonoro 4x1 que o Brasil aplicara na Itália, na partida final da Copa do Mundo de 1970, o cineasta almejava compreender essa disparidade técnica entre os dois times alinhando os fatores anímicos e estruturantes do jogo em si.

Mas antes de entrar na teoria da linguagem, vale explicar a outra motivação de Pasolini, que se encontra nas entrelinhas do artigo: Pasolini era mais que um apreciador do esporte bretão: quando criança, acompanhou seu time, o Bologna FC, em suas quatro temporadas vitoriosas, nos anos 30. Na adolescência, foi um "inventivo e veloz ponta-direita" no time local da cidade onde nasceu, a pequena Casarsa, no norte da Itália. E adulto, a paixão pela bola continuava no campo intelectual, poético e político. Pasolini acreditava que a cultura popular era campo de contestação e que o futebol era

² PASOLINI, Pier Paolo. "O gol fatal". Folha de São Paulo, Caderno "Mais!", de 6 de março de 2005. Disponível em: <http://www.italiaoggi.com.br/not01_0305/ital_not20050306a.htm>. Último acesso em: jun. 2015.

“a última representação sacra do nosso tempo. É rito profundo e também evasão. Enquanto outras representações sacras, dentre elas a missa, estão em declínio, o futebol é a única que prevalece. O futebol é o espetáculo que substituiu o teatro.”³

Como era quando jogador, o cineasta se tornou um crítico impetuoso dos valores pequeno-burgueses da Itália dos anos 70, responsáveis pelo “genocídio cultural” próprio do culto ao consumismo, e da *intelligentsia* italiana, que se resignava (quando não aplaudia) diante dos que promoviam a ascensão tecnológica e industrial, relegando os problemas sociais e culturais do país. A teoria em tom de “paródia” atacava as práticas do meio universitário da época, que lidava com racionalizações meramente instrumentais, vazias sobre quaisquer assuntos, servis ao sistema ao formular apenas debates morais e ideológicos, sem qualquer protagonismo político – que deveria ser inerente aos intelectuais italianos, no entendimento de Pasolini:

“A coragem intelectual da verdade e a prática política são duas coisas inconciliáveis na Itália. Ao intelectual – profunda e visceralmente desprezado por toda a burguesia italiana – se concede um cargo falsamente alto e nobre, e na realidade, servil: o de debater problemas morais e ideológicos”⁴

De qualquer maneira, o cineasta italiano acabou, no processo de sua crítica, fazendo uma contribuição indispensável quando se pensa no futebol como linguagem. Sua concatenação parte da ideia de língua como “sistema de signos”, não necessariamente verbais, ou seja, uma abordagem semiológica e estruturalista, baseada nas ideias de Ferdinand de Saussure, que tem como um dos princípios a fala e a língua humana (*langue e parole*). Em termos de comparação, Pasolini cita o cinema, a pintura e a moda como sistemas de signos não-verbais, assim como o futebol poderia ser incluído nesse rol. Ele segue adiante, entendendo que se há um sistema, palavras também são possíveis de serem formadas, como Pasolini depreende:

“De fato, as ‘palavras’ da linguagem do futebol são formadas exatamente como as palavras da linguagem escrita-falada. Ora, como

³ PASOLINI apud CORNELSEN, Élcio Loureiro. “Futebol de prosa” e “futebol de poesia”: a “linguagem do futebol” segundo Pasolini. In: Caligrama – revista de estudos românicos, Belo Horizonte, v. 11, dez. 2006, p. 2.

⁴ PASOLINI, Pier Paolo. “O romance dos massacres”. Corriere della Sera, de 14 de novembro de 1974. Disponível em: <<http://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=07&t=19c>>. Último acesso em: jun. 2015.

se formam estas últimas? Formam-se por meio da chamada ‘dupla articulação’, isto é, por infinitas combinações dos ‘fonemas’ -que, em italiano, são as 21 letras do alfabeto. Os ‘fonemas’ são, pois, as ‘unidades mínimas’ da língua escrita-falada.”⁵.

Faltam características da teoria do teórico francês, como a ideia dos morfemas como articulações, por exemplo, porém elas não são preponderantes para captar o que Pasolini deseja demonstrar: a formação de discursos na língua futebolística. Desconstruindo o “fonema”, ele (re)monta o “podema” como unidade mínima, agora da língua futebolística. O podema é representado pela passagem da bola entre os vinte e dois jogadores, cujas infinitas combinações formam as palavras futebolísticas, também infinitas. Naturalmente, essas palavras pressupõem uma ordem linear, ou seja, uma sintaxe, para formar “frases”, exprimidas em um espaço/tempo definido (a partida de futebol), onde essas sentenças conjugam-se num discurso, isto é, num estilo de jogar característico e distinto entre si.

Pasolini coloca então um paralelo interessante entre o caráter da língua, que às vezes é “instrumental”, em outras “expressiva”. É nessa transição entre essas duas linhas que o futebol vai ser dividido pelo cineasta em duas formas de discurso, a prosaica e a poética. Dentre essas duas pontas, há um gradiente de gêneros, “subcódigos”, aonde nem sempre é possível inferir aspectos de exclusivamente um tipo de discurso. Pasolini explana essa questão com exemplos de jogadores e seus respectivos modos de jogar futebol:

“Bulgarelli joga um futebol de prosa, é um ‘prosador realista’; Riva joga um futebol de poesia, é um “poeta realista”. Corso joga um futebol de poesia, mas não é um ‘poeta realista’: é um poeta meio ‘maudit’, extravagante. Rivera joga um futebol de prosa: mas sua prosa é poética, de ‘elzevir’.”⁶

Corroborando com o argumento de Pasolini, abro aqui um espaço para explicar a metáfora estilística empregada em cada atleta. A começar por Giacomo Bulgarelli, volante e, posteriormente, líbero de apenas uma equipe italiana em toda a carreira, o Bologna FC. Foi um dos maiores capitães e meio-campistas italianos, completo como jogador e extremamente tático. Fazendo um paralelo com o “realismo literário”, Bulgarelli (e provavelmente qualquer

⁵ PASOLINI, Pier Paolo. “O gol...”.

⁶ Idem.

bom defensor) se encaixa pela capacidade pragmática de suas mensagens “descritas” no campo de futebol: organizava ataques, fornecia assistências e comandava as ações da equipe. Já Luigi Riva, o “trovão da Sardenha”, era um atacante e ponta-esquerda, maior artilheiro da história da seleção da Itália e do Cagliari Calcio, era um canhoto veloz que tinha um chute poderoso, objetivo porém mais individualista, como é comum em jogadores que caem pelas pontas. Sobre esse ponto, cito o trabalho de Cornelsen: “Bulgarelli, nesse sentido, seria o jogador rotineiro, sem grandes arroubos técnicos. Riva, entretanto, disporia de habilidades técnicas para subverter o ‘discurso futebolístico realista’”⁷

Pasolini percebe que a linguagem futebolística possui dois marcos fundamentais, no que tange à poesia: o drible e o gol, representando o que o código não consegue traduzir em palavras, a subversão na acepção da palavra. No entanto, há uma diferença fundamental entre eles, de acordo com o italiano: “Cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade. Precisamente como a palavra poética”⁸.

Para Pasolini,

“o drible é também essencialmente poético (embora nem sempre, como a ação do gol). De fato, o sonho de todo jogador (compartilhado por cada espectador) é partir da metade do campo, driblar os adversários e marcar. Se, dentro dos limites permitidos, é possível imaginar algo sublime no futebol, trata-se disso. Mas nunca acontece.”⁹

O “momento individualista” do futebol é o que define sua poeticidade, do passe inspirado, atravessando pelo drible, até o gol. O futebol sul-americano, mais precisamente o brasileiro, se tornou referência nesse aspecto e, apontou Pasolini, carrega o traço poético em sua linguagem futebolística. No entanto, há mais nuances a serem descobertas, como vamos ver em outras teorias sobre o caráter do drible.

Mas se o gol é a genuína palavra poética, fechada em si e que exprime a poesia do discurso futebolístico de cada jogador, de cada time, em que patamar se coloca o drible?

⁷ CORNELSEN, Élcio Loureiro. Op. cit., p. 11.

⁸ PASOLINI, Pier Paolo. Op. cit.

⁹ Idem.

2 SEGUNDO TEMPO: PENSAMENTOS SOBRE A BOLA

Entro na redação e sou avisado: “Tem aí um cara te esperando”. Digo, tirando o paletó: “Manda entrar”. Era o abominabilíssimo Sobrenatural de Almeida. É duro começar o trabalho com tão tenebrosa visita. Todavia, a natureza deu ao homem, para essas ocasiões, um cinismo impressionante.

(A volta de Sobrenatural de Almeida – Nelson Rodrigues)

É importante compreender nesse ponto o tecido que envolve os processos que permitem a estruturação de um sistema amplo como o da língua-futebol. Percebemos agora que possuímos, mesmo que em termos embrionários, certa forma de (re)produzir discursos por meio de toques na bola. E, como Claude Lévi-Strauss foi capaz de perceber, também tratava-se de *rito*: em seu livro *O pensamento selvagem*, o antropólogo analisou o caso de uma tribo de Nova Guiné que, ao aprender como se joga o esporte bretão, jogavam não para vencer e, sim, para empatar, “tantas partidas quantas (...) necessárias”¹⁰. O termo cunhado para esse pensamento é a *lógica do rito*, onde a função social do jogo é a promoção de um equilíbrio entre as partes envolvidas. Da mesma forma acontecia entre índios xerente¹¹, cujo “protofutebol” havia apenas um time, onde todos corriam atrás da bola, disputando-a entre si e perseguindo-a para chutá-la ao gol. Bem medidas, suas respectivas inocências pré-modernas refletem bem, no jogo, o pensamento dessas comunidades.

Lévi-Strauss ainda prevê essa mesma igualdade ritualística ao comparar o costume da tribo de Nova Guiné com os ritos funerários dos índios fox¹². Na passagem da alma do morto para o além, os fox preparavam uma série de

¹⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989, p. 46.

¹¹

¹²

desafios e jogos, onde duelavam vivos e mortos. É uma última partida de consolação, oferecida por quem ainda está no mundo terreno. Nesse rito-jogo, de modo geral, prevalece o time dos mortos, já que um jogo pressupõe que o vencedor derrote/"mate" o perdedor, para que possa aplacar as agruras de sua jornada espiritual. Mas ainda assim, a verdade é que acaba tudo em empate: o vivo tem vantagem por, naturalmente, estar vivo; e o morto tem vantagem sobre o vivo, dado que este não tem escolha sobre a morte, que chegará inexoravelmente.

2.1 BOLA AO CHÃO: O DRIBLE E SEUS TEÓRICOS

Acompanhando o raciocínio que José Miguel Wisnik fez dessa ilustração de Levi-Strauss, é interessante perceber que, ao contrário do passado, a modernidade atravessou um jogo pela igualdade em detrimento da diferença, "do zero a zero para a vitória e a derrota"¹³. É a concorrência universal que ultrapassa o campo do lúdico e já atrai invariavelmente implicações políticas e econômicas para a esfera do futebol e dita as forças externas que pressionam seus atores. Ou ainda: punções de guerra que, na lente da psicanálise, movem o desejo dos homens e suas expressões guerreiras dentro de campo, para apenas um sair vencedor. O futebol-rito definha para, na segunda metade do séc. XIX, ser reinventado como jogo moderno e, assim, ser regido por essas potências que quase simulam as condições do capital e do sistema vigente, refletindo (de modo muito semelhante à arte) modos de civilização.

Mesmo diante de toda essa caracterização que remete ao real, a máxima popular afirma que "futebol não tem lógica". Isso abre espaços para a criação de sentidos não determinados e de um estatuto correspondente ao da autonomia da obra de arte. O traço do jogo está presente de forma inerente no campo artístico, como afirma Johan Huizinga em seu livro *Homo Ludens*: existe um "laço indissolúvel" entre algumas formas de expressão (como poesia, música e dança) e na estrutura lúdica¹⁴. Vale notar também que o historiador aponta que isso não ocorre com as artes plásticas, já que, por derivarem da

¹³ WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 69.

¹⁴ HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 105.

matéria, não possuem tanta liberdade de circulação, pelo menos não no mesmo sentido que a poesia tem, por exemplo.

Nesse aspecto, o futebol tem muitas semelhanças com uma dança, sobretudo quando fala-se do drible. Muitos desses movimentos ganharam nomes (assim como passos de dança), tais como carretilha ou meia-lua, possibilitando enfim sua reprodução, embora, vale ressaltar, jamais possuindo a mesma mística que fora cristalizada no momento da sua criação. Mais do que isso: cada drible, independente se original ou mera adaptação, se preenche como uma imagem no espaço/tempo, renovando o mito e operando num mesmo sistema (a língua futebolística), porém sempre em circunstâncias diferentes e com atores distintos (os jogos e os times em si). Essa imagem é indefinível em sua essência, possibilitando apenas tocar o seu significado superficialmente, nunca absorvendo sua significação na totalidade. Em outras palavras, o que fica no pós-drible é apenas uma aura do que passou, singular, pungente, ressonando entre o real e o imaginário. O piscar de olhos faz com que duvidemos do que é visto. E mesmo depois da execução do movimento, a sensação é inacabamento, pois o não-drible – mais conhecido como “e se”, clítico reticente – se torna sombra do que foi feito.

Na obra de Wisnik, o professor cita isso como a verdadeira singularidade do discurso do futebol brasileiro – e também do próprio drible: a elipse. Essa figura de estilo linguístico consiste na supressão de termos da narrativa, anteriormente citados ou não, contextualizados de forma que esses vazios sejam sempre retomados quando a situação for propícia. De acordo com Wisnik, a elipse do drible faz com que essa supressão se torne uma adição, ao passo que a “sugestão de itinerário”, combinado ao “efeito surpresa”, seja “promessa de movimento que *não se dá se dando e se dá não se dando*”. O grande exemplo que Wisnik se usa para demonstrar seu ponto é a letra da música de Chico Buarque, “O futebol”:

“Para estufar esse filó
Como eu sonhei
Só
Se eu fosse o Rei

Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca
Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé
Para avançar na vaga geometria
O corredor
Na paralela do impossível, minha nega
No sentimento diagonal
Do homem-gol
Rasgando o chão
E costurando a linha
Parábola do homem comum
Roçando o céu
Um
Senhor chapéu
Para delírio das gerais
No coliseu
Mas
Que rei sou eu

Para anular a natural catimba
 Do cantor
 Paralisando esta canção capenga, nega
 Para captar o visual
 De um chute a gol
 E a emoção
 Da idéia quando ginga
 (Para Mané para Didi para Mané Mané para Didi para Mané para
 Didi para
 Pagão para Pelé e Canhoteiro)”

Desnecessário falar sobre o potencial de análise nesses versos, então nos ateremos ao que Wisnik destacou em seu livro. “João” foi uma criação de Sandro Moreyra, jornalista, botafoguense e amigo pessoal de Garrincha. Às vésperas da Copa do Mundo da Suécia, em 1957, o mito nasceu das linhas de Moreyra, que queria dizer que Mané não ligava para quem fosse o marcador, todos eram “João”. Apesar de ninguém ter ouvido Garrincha usar esse nome para os zagueiros e laterais adversários, a história permanece nos ouvidos de quem vive da bola. Tanto que “parafusar algum João” remete justamente ao craque das pernas tortas. O movimento do parafuso é o do nó, do enrosco, não só movimento físico, mas também mental, psicológico, imagético, “por meio de nós que são sins (‘quando é fatal’), bem como de sins que não são sendo (‘no contrapé’)”¹⁵. É a elipse do sim e do não que, embora não citados, reproduzem essa natureza da finta, do drible, que vai e volta, acontece sem acontecer, gira num devir infinito até o bote certo (ou não) do marcador ou a continuação do podema – num passe, drible seguinte ou até chute.

Da teoria elíptica de Wisnik, passemos a metáfora linguística de Hilário Franco Júnior. Aprofundando-se na parte normativa da teoria, Franco Jr. afirma que, se o futebol é linguagem e possui discurso, naturalmente “toda partida é uma atividade comunicativa”¹⁶. Sendo assim, o objetivo de um interlocutor nessa

¹⁵ WISNIK, José Miguel. Op. Cit., p. 311.

¹⁶ FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras. 2007, p. 359.

comunicação, ou seja, de um dos times, é formatar seu discurso de forma mais efetiva possível. Essa efetividade resulta numa constante busca pelo gol, objetivo da dialética entre os dois times adversários. Ora, se o gol é o fim de cada parte envolvida, o drible nada mais é que um instrumento para tanto, com valor igual aos das outras unidades mínimas. Aqui, não existe o podema, mas equalizam-se drible, chute e passe como morfemas futebolísticos. Portanto, enunciados da língua-futebol que não sirvam para “argumentar” em favor do gol, como dribles desnecessários, floreios e passes para o lado, são considerados nada mais que ruído comunicativo, frases que não colaboram para a compreensão do discurso.

Enquanto Franco Jr. é enfático sobre a morfologia do futebol e não valora seus momentos individuais, como fez Pasolini, ele também comenta que a fronteira prosa-poesia no futebol é cheia de nuances, tendo mais a ver com o observador do que necessariamente com o gênero do jogo. Nesse sentido, Wisnik também corrobora com esse apontamento, pois era uma questão de momento do futebol, onde a poesia sulamericana era mais bela e livre, assim, superior a prosa européia, dependente e sistemática. Poderíamos citar de momento diversos momentos que essa lógica se mostrou contrária. O mais recente e poderoso é o do famigerado 7 a 1 aplicado pela Alemanha, uma potência coletiva, contra o Brasil, que vivia – e ainda vive – uma dependência de Neymar e seus lampejos poéticos (embora, arrisco, seja unânime pensar que nem isso salvaria o Brasil de sonora goleada). Por outro lado, não tão distante está Lionel Messi que, embora tenha fama pelo toque de bola, ganhou o mundo nas arrancadas e no controle de bola anormal do argentino, uma poesia portenha de alto nível em atuações pelo Barcelona FC – algo que não se repete na seleção da Argentina, mas não vem ao caso. De mais a mais, os gêneros da poesia e da prosa vivem em constante batalha, interna e externamente, não por uma consolidação por superioridade, mas sim como balança, complementando um ao outro.

Em uma outra margem de nossa reflexão, temos a ideia de potência aristotélica, aprofundada por Giorgio Agamben por toda sua obra, mais sistematicamente no texto *La potenza del pensiero*. O conceito é dualizado por Aristóteles, em uma das seções de *Metafísica*, entre: ato, um princípio ativo e

determinado; e potência, capacidade ou probabilidade de realização. O que Agamben vai defender é a disassociação entre os dois conceitos, pois o não-ato também é (im)potência. Vale ressaltar que impotência aqui não é no sentido negativo de impossibilidade, mas sim de escolha do não-ser, não-fazer. É o devir do não. Ele usa a história do escrivão Bartleby, para ilustrar sua ideia de impotência: no final do livro, Bartleby tem uma atitude messiânica de contrariar o sistema imposto e dizer “I would prefer not to” (“Eu preferiria que não”). Não é uma mera imposição, uma disputa de forças no grito. É a abertura de novas potências ao deslocar e, assim, subverter as forças de prestígio. No nosso caso, o drible tem justamente essa faceta, de tábula rasa. Um lance que me vêm de súbito é o lençol invertido que Neymar aplicou em um zagueiro do Botafogo-SP. Ele aproveitou o quicar da bola em sua frente para encobrir o zagueiro em sua frente. Até mesmo no erro, o drible torto pode ser exatamente o que era necessário para avançar, enganando o bote adversário ou até mesmo permitindo que, adiante, outro companheiro tenha uma chance melhor do que a sua. Assim como não fazer nada, como num caso bem específico que veremos adiante. Mas, pela natureza de potência, não passa de especulação. Outra abertura que a impotência se aproveita é a do não-gol. O que se eterniza nesse lance não é só o erro do gol, mas a trajetória que foi feita até lá. Quem observa o diálogo entre dois times não liga necessariamente para quem está sendo mais coerente, mas sim os argumentos que estão sendo utilizados. A inoperância do jogador, não sua falta de movimento, mas a criação de movimento fora da *práxis* convencional do esporte, é a grande sacada do drible como potência. Se isso é combinado com o fator poético que essas imagens podem produzir, o céu é o limite.

Explico: se o drible é uma unidade de um discurso, é essencialmente poético e, além disso, é simbolicamente o melhor movimento em favor de uma inoperância que favoreça sua subversão do código, portanto é a melhor ferramenta que um poeta da bola pode levar em consideração. Ao contrário do gol, que é operação sistemática pura, independentemente das reações emocionais que sua representação acuse nos atores do discurso. Não é apenas sobre o que causa em quem vê, é também sobre a jornada que se faz para formular essa imagem, são os traços que ficam pelo caminho.

É tomar Ronaldo Gaúcho e um drible, como uma caneta, e escrever em uma legenda: “Isso não é uma caneta”, a lá Magritte.

3 TIRO LIVRE: REFLEXÕES SOBRE A BOLA

*Ademir impõe com seu jogo
o ritmo do chumbo (e o peso),
da lesma, da câmara lenta,
do homem dentro do pesadelo.*

elo Neto)

A partir do que foi sugerido nestas linhas, podemos dizer com convicção que há uma espécie de suspensão no momento entre o drible e o gol. Uma criogenia que cristaliza esse “se” num devir e se estabiliza na experiência como representante real do momento mais poético do futebol. Ora, não há poesia na conclusão (o gol): se o poeta, por meio de seu discurso, alcança a imagem que ele quer representar por meio de seus versos, sua função termina e ele implode em seu próprio (in)sucesso. O gol limita pela sua rede e, por mais que cause euforia nos interlocutores, sejam ativos (jogadores) ou passivos (torcedores), não dá conta das possibilidades que um drible proporciona, seja ele visto sob qualquer lente estética. Uma caneta desconcertante, uma singela meia-lua ou um corte na base da vontade são muito maiores em seu devir, criam expectativa e remetem justamente ao que futebol tem de diferente, com relação a outros esportes.

Paul Valéry faz um excelente paralelo sobre prosa e poesia em seu ensaio *Poesia e Pensamento Abstrato*, afirmando que, apesar de ambos serem feitos sob o mesmo sistema (sintaxe, morfologia, fonologia, etc.), possuem diferentes orientações:

“(...) a linguagem que acabou de servir-me para exprimir meu propósito, meu desejo, meu comando, minha opinião, e essa linguagem que preencheu sua função desvanece-se assim que chega. Emiti-a para que percesse, (...) e saberei que fui compreendido através desse fato extraordinário, o de que meu discurso não existe mais”¹⁷

Em linhas gerais, a prosa se dissolve no momento em que se coloca à disposição de quem lê, se esgota e perde sua utilidade assim que o seu sentido seja apreendido. A prosa vive (e morre) do seu próprio entendimento. A

¹⁷ VALÉRY, Paul. *Poesia e Pensamento Abstrato*. In: *Variedades*. São Paulo. Iluminuras, 1991. p. 201-218.

poesia, na visão de Valery, já se coordena de forma diferente. Ela revive e se renova indefinidamente, não sendo intermediária entre autor e leitor, mas representando o significado em sua essência, mais do que apenas sendo mera expressão. Sem perder o foco de nosso recorte, voltemos ao futebol. Pasolini afirma que “o artilheiro do campeonato é sempre o melhor poeta do ano”, sendo o futebol mais poético, aquele que exprime mais gols. Será? Apesar de não contrariar o fato de que o gol possui a sua essência colada à sua forma, ele fecha o ciclo entre o devir e o fato em si. Afinal, o gol é o objetivo esgotado, é o desejo alcançado. É absoluto em seu fim e não abre espaços para livre interpretações – e embora o fator do árbitro seja uma aparente contestação a esse argumento, suas análises serão falsas apenas por sua incapacidade física ou intenção obscura, não por dúvida intrínseca entre o que expressa ou não um tento.

O drible tem como dinâmica sua incompletude. Não apenas o fato de que talvez falhe miseravelmente em sua execução, mas se singularizando em diferentes propostas de jogo/discurso e servindo como parâmetro para propor sua razão de existir, como vanguarda e como representação de uma identidade. A finalidade do drible (também) é nem sempre ter finalidade, como a poesia (ou até a arte em si), diferente do gol que, embora inspire um “estado poético”, se esvai em sua conclusão. Dessa forma, o goleador de um campeonato pode até se fazer valer por sua capacidade de artilharia, mas não necessariamente terá o futebol mais poético do ano, por suas próprias limitações. Foi o caso de nomes como Josiel, do Paraná Clube, no certame brasileiro de 2007, Óscar Cardozo, do Benfica, em 2010 e 2012 e Luca Toni, do Fiorentina, no Italiano de 2006. Três jogadores que foram inteligentes, mas que se fechavam em suas posições e funções. O futebol atual admite cada vez menos esses especialistas, mas mesmo enquanto peças importantes, suas habilidades com a bola no pé eram reduzidas, quando não risíveis. Na Itália dos anos 70, Pasolini não teria motivo para ver os dribles como mais poéticos que o gol, de fato. Mas hoje, não há como negar que o advento de pontas-de-lança versáteis como Wayne Rooney, Zlatan Ibrahimovic e Robert Lewandowski tornaram o gol um complemento, se comparados a trajetórias “quase oníricas”, nos termos do cineasta italiano, para que ele ocorresse.

3.1 PARADA TÉCNICA: MOMENTOS POÉTICOS DO FUTEBOL

Há um outro processo de “vir a ser” que faz com que o drible seja potencializado: o não-gol – ou talvez, quase-gol. Existem muitos casos, mas os mais célebres são protagonizados por Pelé. Um deles é o pivô para o excelente romance de Sérgio Rodrigues, *O drible* (2013). A abertura do romance é justamente ilustrada sob a visão de uma fita-cassete (aspecto importante na percepção de vivência na representação) de um famoso não-gol de Pelé, justamente na mesma Copa de 70 que inspirou Pasolini. Num Brasil x Uruguai, Rodrigues descreve o lance capital entre Pelé e Mazurkiewicz, atacante e goleiro. Cada um vindo de uma direção, de encontro à bola entre eles. Pelé chega primeiro e deixa a bola passar. Ali, criou-se um mito, independente de ter-se confirmado o tento. O inconcluso lance é o início de um momento, ainda mais tratando-se de algo jamais feito antes. É a mônada leibniziana da “meialua”, único e supremo, criado num mundo separado (o de Pelé), diante de um embasbacado goleiro uruguaio e de toda uma população de entusiastas do jogo. Nesse caso, o fato do gol não ter sido marcado não poderia ser mais irrelevante.

Corroborando ainda mais sobre as imagens do futebol, Rodrigues narra, com a ajuda de seus personagens, o “segredo mais bem guardado da história do futebol”: na Copa de 1958, semifinal entre Brasil e França. No time francês, Just Fontaine e Raymond Kopa, dois dos maiores futebolistas do país. Do lado brasileiro, nomes como Garrincha, Didi e um jovem Edson Arantes. O trecho que um dos protagonistas exhibe em seu “videoteipe” se constitui em dez minutos de *nada*, um empate aparentemente enfadonho em 1x1, sem qualquer mudança aparente. O *nada*, assim como o drible, o gol e o não-gol, também é momento poético. É nesse momento em que a vida se tangencia próxima do futebol, do jogo e quase que se tocam. Vivem sob a égide da potência, esperando o que aguarda no segundo seguinte, no amanhã. E é isso que os personagens de Rodrigues constatarem, pois enquanto os dez minutos que assistiram não possuem quaisquer subversões no código do futebol, o jogo terminaria em 5x2 para o Brasil, credenciando a partida como uma das maiores das Copas do Mundo. “Futebol é assim: o caos”, diz o protagonista, “(...) foi o momento em que o futuro está no fio da navalha, a moeda ainda girando. (...) O

futebol é cheio de planícies imensas, horas mortas” onde “(...) pode acontecer tudo.”¹⁸. Ou, acrescento, nada. É nessa imprevisibilidade e no revisitar que é possível perceber a soberania da arte, cuja experiência cristalizada não pode representar o que foi presenciar todos esses fatos no momento real, como o aforismo de Heráclito: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. Dispersa-se, reúne-se; avança e se retira”. O não-gol, portanto, chega a ser ainda mais poético que o gol em si, por sua inconclusão, enquanto os momentos poéticos do futebol são facilmente associáveis tanto no que há de mais comum – como nos dez minutos de Brasil x França em 58 – quanto nos momentos mais irrecríveis do jogo, embora a expectativa de quem assiste seja justamente na repetição desses acontecimentos.

4 APITO FINAL

Sendo tudo matéria de jogo e, assim, potência, o drible se encerra em si próprio. Não existe motivo para existir, senão ele mesmo, num devir eterno ao se fazer singular em sua pré-existência, porém individual em suas representações diversas, sendo elas permitidas ou não no sistema. A única ligação que conecta todos os dribles em uma só rede é, invariavelmente, o seu rastro. E é por esse mesmo rastro que todas se diferem e se afastam, num paradoxo lógico, no entanto perfeitamente compreensível ao nível da arte e do corpo. São notáveis as diversas correlações que o futebol pode formar com a arte, a vida e a sociedade que o compõe. Talvez seja por esse motivo que exista uma grande ânsia por um romance de valor canônico sobre o esporte bretão e uma frustração por não conseguirmos transformar isso em realidade. Sérgio Rodrigues acertou brilhantemente ao tentar explicar que “todo esporte é uma narrativa fechada em si, autossuficiente”¹⁹. Não há espaço para a ficção, se a realidade consegue englobar todo o drama necessário e independe do fator verossímil da narração. Trocando em miúdos, o jogo não precisa **parecer real**, como os romances sobre ele tentam inutilmente, porque suas melhores

¹⁸ RODRIGUES, Sérgio. Op. cit., p. 81.

¹⁹ *O DRIBLE e o futebol na literatura brasileira*. Palestra de Sérgio Rodrigues. 91'15".

Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=A3Btv_QdS6k>. Último acesso em maio de 2015.

histórias são fatos, não invenções literoesportivas. O futebol é o carro-chefe dessas narrações, de acordo com Wisnik, pois, ao contrário de outros esportes, onde “há um foco mais cerrado sobre cada momento contábil, que se traduz em número ou em ganho de território”²⁰, o futebol se desvela num sem-número de alternativas, num ciclo inconstante, no qual “o avanço numérico é um acontecimento entre outros, que se destaca (...) de um vai e vem de lances falhados ou belos em si.”²¹

E então, tendo em vista essas alternativas não só internas e inerentes ao futebol, mas também de observá-lo e recortá-lo, me disponho nessas últimas palavras em tentar apontar alguns assuntos que esse trabalho não teve a arrogância de cobrir. Por exemplo, não seria justo destacar em poucas linhas a grande contribuição dos radialistas e cronistas esportivos do século passado, os primeiros que se arriscaram pela complexa literatura brasileira do futebol. Seriam necessárias dissertações inteiras para preencher com justiça o que Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e muitos outros observaram em suas crônicas carregadas de lirismo e paixão pela bola e seus deuses. Na mesma medida, existem muitas arestas a serem aparadas em outros campos de conhecimento, ao interligá-los com o futebol, como a sociologia ou a antropologia. Porém, aqui faço uma ressalva: há uma necessidade quase inerente ao estudo da bola a deslizar-se automaticamente para as margens dessas ciências, como se o caminho fosse um só. Isso (re)nega, ao meu ver, a poesia que circunda o jogo, a literatura contida em cada unidade construtora do futebol. Ora, em tempos de pós-modernidades, se existe a “morte do autor”, porque não a “morte do jogador”?

De qualquer maneira, acredito que minha leitura fez seu papel ao apontar novas propostas sobre o futebol e o drible, dando uma luz e, espero eu, inspirando olhares sobre um tema renegado nos estudos literários, por ser considerado “menor” e, ao mesmo tempo, pouco aprofundado por quem realmente vive e entende do assunto, que se basta, seja pelas notícias da imprensa, entre discussões inflamadas e apaixonadas, seja pelas transmissões

²⁰ WISNIK, José Miguel, op.cit. p. 19.

²¹ Ibid., p. 182.

feitas via rádio ou televisão, onde há sempre um especialista à parte dos jornalistas comentando os lances – o próprio espectador. Esse abismo talvez nunca seja fechado, mas pensando bem, não é justamente essa a beleza que o futebol e a arte possuem?

REFERÊNCIAS

- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.
- PASOLINI, Pier Paolo. “O gol fatal”. Folha de São Paulo, Caderno “Mais!”, de 6 de março de 2005, p. 4-5 [trad. de Maurício Santana Dias; título original: “Il calcio 'è' un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”]
- RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. 1ª ed., São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- VALÉRY, Paul. Poesia e Pensamento Abstrato. In: *Variedades*. São Paulo. Iluminuras, 1991.
- CORNELSEN, Élcio Loureiro. “*Futebol de prosa*” e “*futebol de poesia*”: a “*linguagem do futebol*” segundo Pasolini. In: *Caligrama – revista de estudos românicos*, Belo Horizonte, v. 11, dez. 2006
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989

BIBLIOGRAFIA

- BATAILLE, Georges. *Lascaux o El nacimiento del arte*, trad. Axel Gasquet, Córdoba: Alción, 2003
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Introdução Roberto de Oliveira Brandão. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1981.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1976
- AGAMBEN, Giorgio. *O fim do poema*. Trad. Sérgio Alcides. Cacto n.1. São Paulo, 2002
- ANTELO, Raúl. *Potências da imagem*. Chapecó: Argos, 2004
- NOGUEIRA, Armando, SOARES, Jô, MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota. Porto Alegre, L&PM, ed. Revista e ampliada, 2000.

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre, L&PM, 1995.

SUSSEKIND, Hélio, Futebol em dois tempos. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996.

VÍDEOS

CUKANASPORTTV. 1958 – Brasil x France (semi-final world cup)

FORFUNNY59. Maradona Goal of the Century - Víctor Hugo Morales commentary - Argentina-England 2-1 1986. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=1wVho3l0NtU>>. Último acesso em: 10 jul. 2014.

SOC CEREX. Pele dummy and miss v Uruguay. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=-UzRsvCsC4c>>. Último acesso em: 10 jul. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – FOTOGRAFIA DO GOL DECISIVO DE HELMUT HAHN, DA ALEMANHA OCIDENTAL, NO CHAMADO “MILAGRE DE BERNA”.



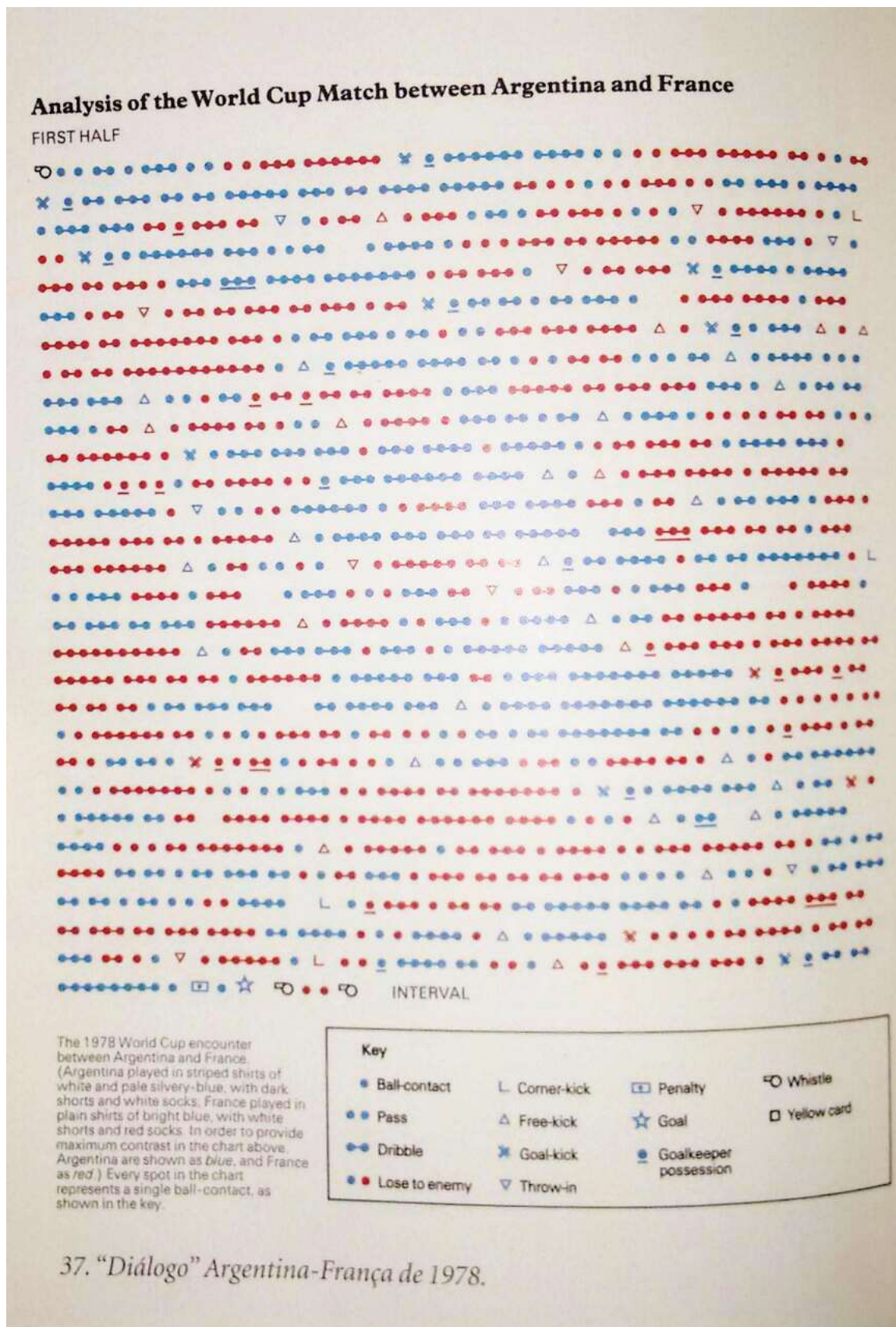
10. O chute decisivo da Copa de 54.

ANEXO B – A RODA DA FORTUNA E DEUSA DO ACASO.

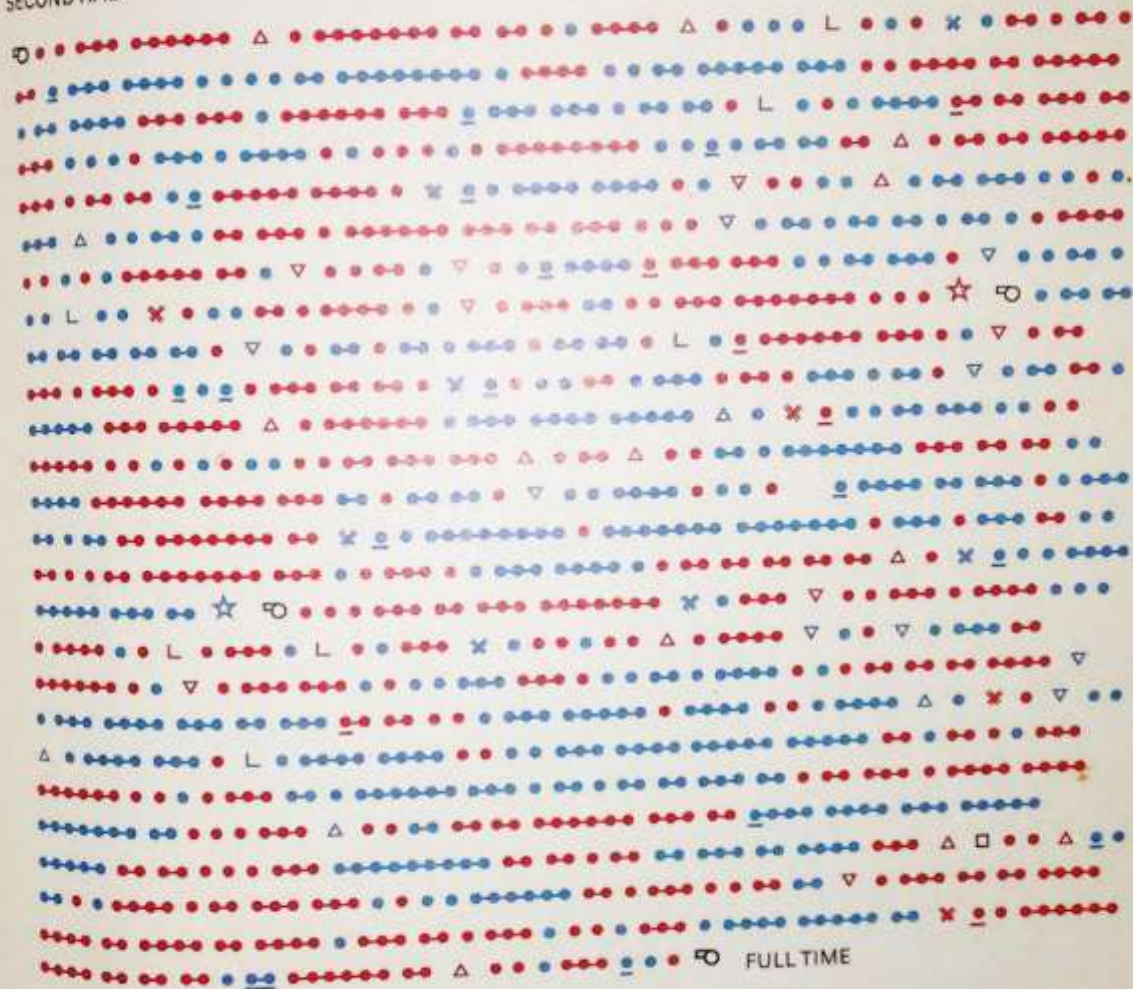


38. Roda da Fortuna.

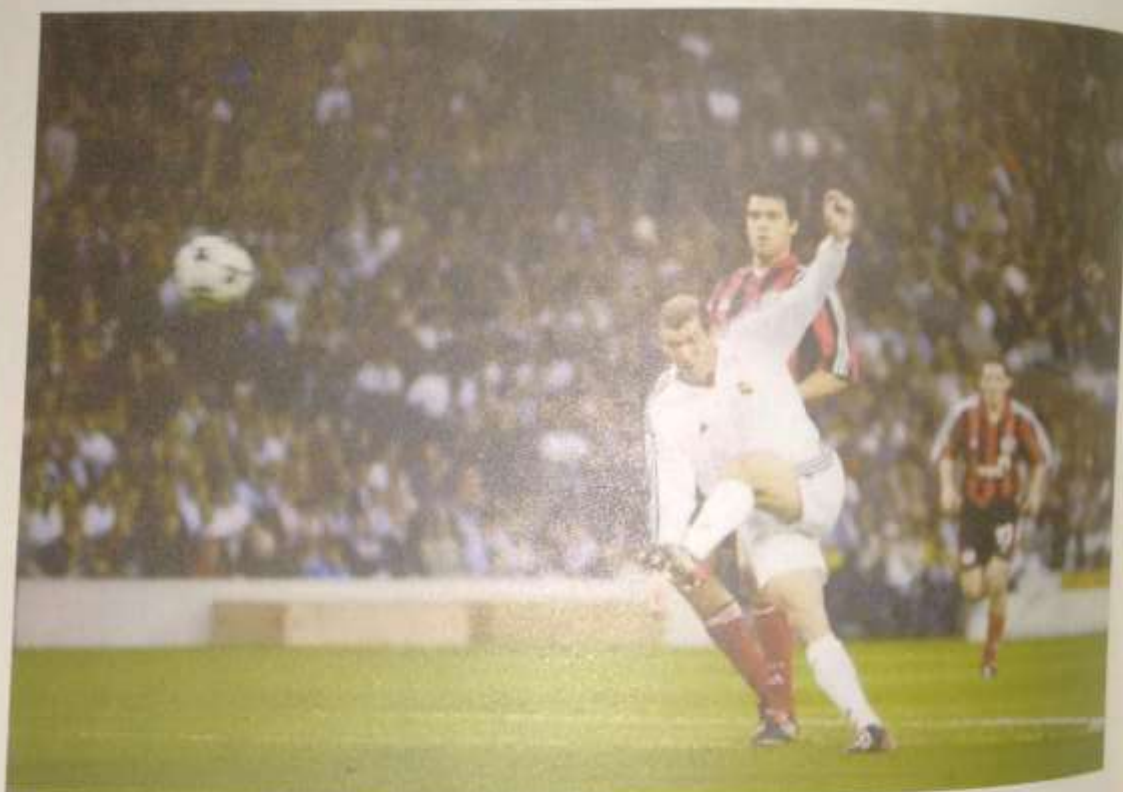
ANEXO C – ANÁLISE FEITA POR DESMOND MORRIS (THE SOCCER TRIBE) DO “DIÁLOGO” ENTRE ARGENTINA X FRANÇA, PELO GRUPO 1 DA COPA DO MUNDO DE 1978.



SECOND HALF

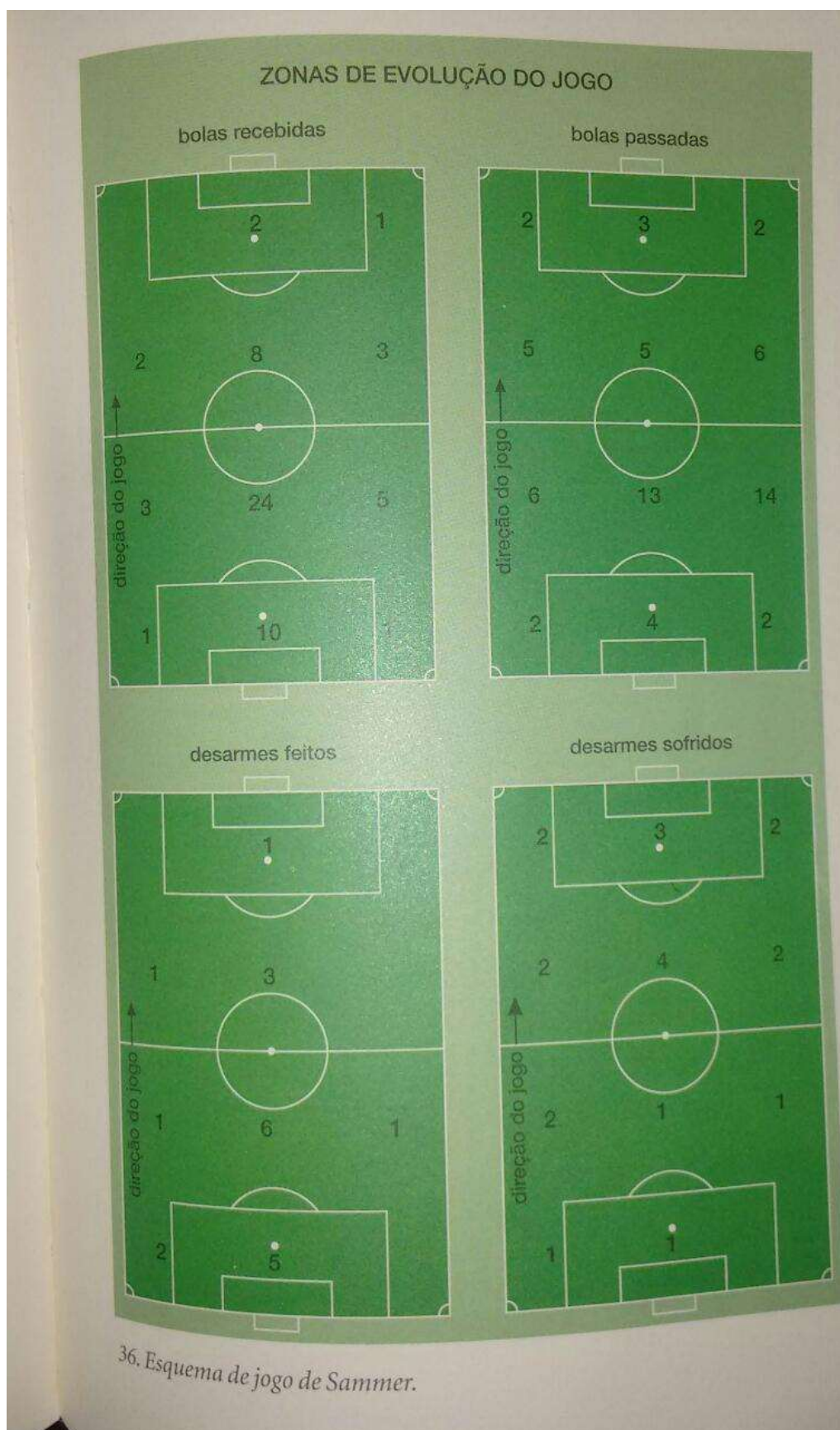


ANEXO D – GOL DE VOLEIO DE ZINEDINE ZIDANE, NA PARTIDA REAL MADRID 2 x 1 BAYER LEVERKUSEN, EM 2002.

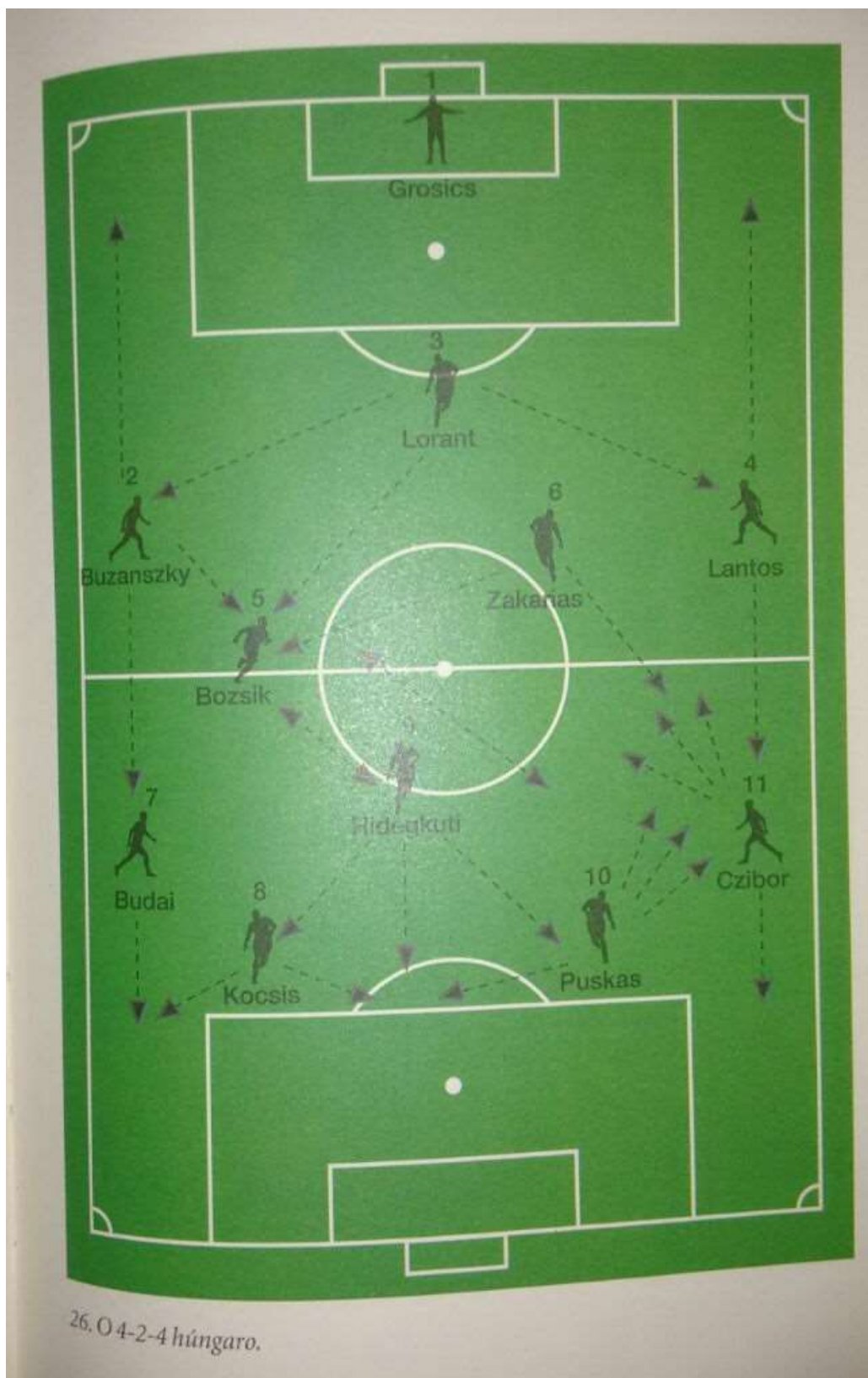


35. *Voleio de Zidane na final de 2002.*

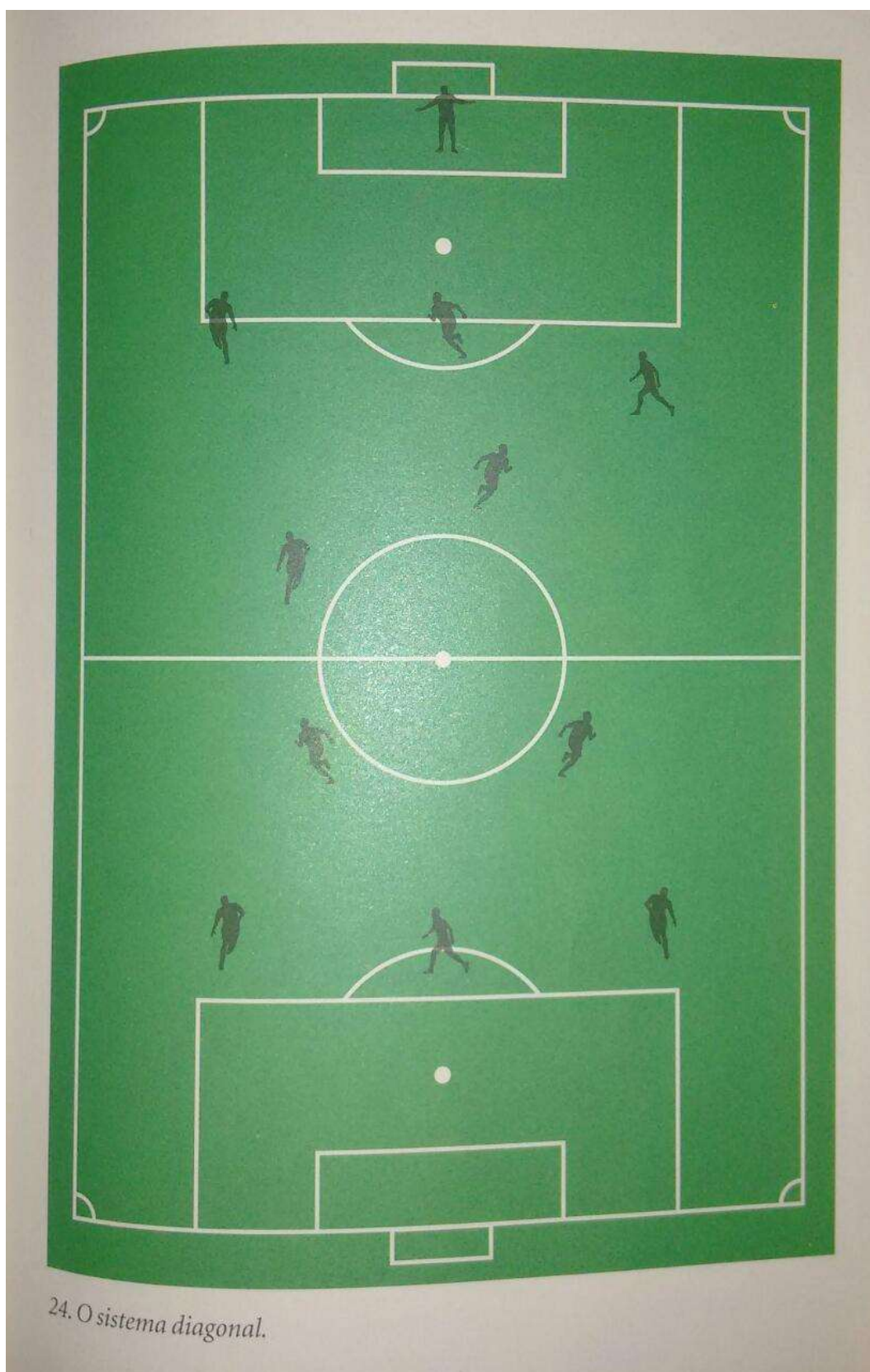
ANEXO E – GRÁFICO DAS AÇÕES DO LÍBERO ALEMÃO MATTHIAS SAMMER, PELO SELECIONADO GERMÂNICO EM 1996.



ANEXO F – ESQUEMA TÁTICO DO 4-2-4 HÚNGARO, QUE SE CONSAGROU NOS ANOS 50.



ANEXO G – ESQUEMA TÁTICO DO LOSANGO, HOJE POPULARMENTE CHAMADO DE 3-4-3.



ANEXO H – ESQUEMA TÁTICO CONHECIDO COMO WM.

